





Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Getty Research Institute



# QUEIXAS DE AMARO MENDES GAVETA,

Estudante na Universidade de Coimbra, contra pulgas, percevejos,  
besta de jornada, arrieiro, estalajadeiros, lograntes, amas,  
moço, lavandeiras, ruas, falta de divertimentos &c.

ESCRITAS  
EM OITAVAS PORTUGUEZAS,  
E DEDICADAS

AOS NOBILÍSSIMOS, E PRECLARÍSSIMOS PAYS  
dos Senhores Estudantes Coimbricenses, para que vindo no conhe-  
cimento dos muitos trabalhos, que seus estudiosos filhos pade-  
cem nas jornadas, e Universidade, se dignem de lhes  
acrescentar as meçadas

POR

DOMINGOS GONCALES PERDIGOTO,  
Visinho do mesmo Amaro Mendes Gaveta, e assistente  
debaixo dos seus quartos.



AOS NOBILÍSSIMOS,  
Preclaríssimos, e Munificentíssi-  
mos Pays dos Senhores Estu-  
dantes Conimbricenses

SONETO DEDICATORIO.

**A** Vossos nobres pés, Senhores, vão  
Estas queixas; mas he de advertir,  
Que se a vossos pés vão, he para vir  
Tambem alguma cousa á minha mão.

Conheço, que será pouca attenção  
Offerecer-vos tanto, que sentir;  
Porém não me convem perdaõ pedir;  
Pois sou, dos que não gostao de perdaõ.

Affim que, se entender-des, que eu que sou  
Culpado, e a vingança pertendeis,  
Tomay-a pelo meyo, que vos dou.

Em Coimbra minhas obras achareis,  
Queimay-as, que eu por este damno estou,  
Com tanto que primeiro mas pagueis.

De seu interessado servo

*Domingos Gonçales Perdigoto.*

# LEITOR

## SONETO.

**P** Affou-me pela rua hum estrangeiro  
Com huma arca, gritando : *Totil mundo* :  
Pensando eu ser objecto mais jucundo ,  
Fuy a ver ; mas porêm paguey primeiro.

Mostrou-me o maganã por hum luzeiro  
Quatro paineis de angustias lá no fundo ,  
E hum baile de bonecos , que , segundo  
Lhe fio , me não leve o meu dinheiro.

Comecey a ralar , como enfadado ;  
Mas o magano teve taes poderes ,  
Que me estendeo hum pão pelo costado :

Naõ sou assim , Leitor : se tu me deres  
Os teus par de vintens , como homem honrado ,  
Ralha , e torna a ralar , quanto quizeres.

*Vale.*



QUEIXAS  
DE  
AMARO MENDES GAVETA,  
ESTUDANTE  
Na Universidade de Coimbra.

I.

**D**Eitou-se Amaro Mendes com desejo  
De descansar do muito, que estudava;  
Mas apertando a pulga, e percevejo,  
O pobre de enfadado se arranhava:  
Sentia cada baba, como hum quejo,  
Até que, por fugir da casta brava  
Deo a baixo da cama hum salto forte,  
E passeando, se queixa desta forte.

II.

São tantos os trabalhos nestes annos,  
Que o coitado estudante em Coimbra colla  
Que bem posso affirmar, que só maganos  
Aturaõ similhante corriola:  
Se, para descansar de seus infanos  
Trabalhos, no lançol homem se enrola,  
Saltando-lhe no corpo esta canalha,  
Cada picada he golpe de navalha.

III.

Tres noites sem dormir tenho passado;  
Pois taes golpes me dam estas danadas,  
Que nem touro na praça agarrochado  
Leva mais penetrantes zagunchadas:  
O corpo sempre sahe todo pintado  
Com babas, mordeduras, e picadas,  
E não só pelo corpo alcança a piza;  
Porque eu tenho farampo na camiza.

IV.

E se a pulga por farta nos consente  
Huma noite; em luzindo algum luzeiro,  
Já nos manda saltar do ninho quente  
A atroz barbaridade de hum fineiro:

Levanta-

Levanta-se o Christão batendo o dente  
Com mais força, que os malhos de hum ferreiro,  
Tam leve, que eu já fuy com estas preças  
Sem cabeça, e as meyas das avéças.

V.

E supposto que o Ceo chova abundante  
Inundaçoens de chuva crystallina,  
Corre á escrita o misero estudante,  
Como os soldados correm á fachina:  
Huma manhaã, em que houve agoa bastante,  
Depois que dey de casco em huma esquina,  
Indo a correr com medo da janella,  
Quebrey na porta ferrea huma canella.

VI.

Pois nas jornadas, que se não padece  
Dá hum pobre estudante o seu dinheiro,  
E vem num macho, que se lhe parece,  
Estende a carga dentro em hum lameiro:  
A primeira jornada (não me esquece)  
Vim montado na peste de hum sindeiro,  
Que ondequerque, sentia mayor lama,  
Mesmo ahi me fazia logo a cama.

VII.

E se he máo o rocim, se he máo o macho,  
He peor o arriero (oh baixa gente!)  
Que, se hum homem cahio, já o borracho  
Salta nessas estradas de contente:  
Quasi sempre anda cheyo, como hum cacho;  
Mas não obstante, que venha bem quente,  
Em sentindo a taverna no caminho,  
Já começa a gritar, que venha vinho.

VIII.

E dali tão audaz, como costuma,  
Taes pulhas nos encaixa nessa estrada,  
Que ás vezes vem tres legoas dizendo huma,  
E no fim não está inda acabada:  
Sempre ha de dar tal volta, que se se suma  
A' noite, quando vamos á pausada;  
Gritamos por Joao; Joao por brio  
Deixa gritar seu amo a esse frio.



## IX.

Pois na estalajem, primeiro que entremos  
 No quarto, o que se passaõ de demoras;  
 E nosso amo a dizer-nos, que esperemos,  
 Que vay logo, e o seu logo saõ tres horas:  
 E depois vem a cêa, que comemos  
 Mais crua, que as corréas das esporas;  
 Desorte, que mil vezes nos succede  
 Puxar de dente, e o casco ir á parede.

## X.

Na cama, que nos daõ, por vida minha,  
 Que não sey, como ha, quem dormir possa;  
 Porque he magro o colchaõ, como sardinha,  
 Os lançoës saõ de cor de çaragoça:  
 Depois he necessaria huma mezinha,  
 A quem se quer livrar de alguma coça;  
 Porque sempre lhe daõ os lançoës finos,  
 Ou camada de farna, ou de ladrinos.

## XI.

Vamos a fazer contas no outro dia,  
 E apenas diz nosso amo: *bem lhe preste*;  
 Salta nas bolsas huma epidemia,  
 Entra pelos dinheiros huma peste:  
 Oh boca dezastrada, oh boca impia,  
 Que palavra tão barbara disseste!  
 Antes quarenta pulhas de arrieiro,  
 Que hum *bem lhe preste* de estalajadeiro.

## XII.

E que direy do pó em tempo quente?  
 Que perturba ainda mais a luz do dia,  
 Que o fumo de huma não, que de repente  
 Na guerra disparou a artilharia:  
 Não se vê huma á outra a triste gente;  
 Pois tanto pô nos olhos se lhe enfia,  
 Que estou certamente suspeitozo,  
 Que do pó me nasceo ser remeloço.

## XIII.

E inda hoje se vejo algum reméla,  
 E sey, que elle não bebe muito vinho,  
 Logo me vem á mão dizer, que aquella  
 Doença he da poeira do caminho:



Daquelle, que tem só huma janella,  
Tambem digo, que o pobre coitadinho  
Recebeo pó na vista em tanto extremo,  
Que Coêles se chamou, ou Poliphemo.

XIV.

Se em alguma jornada as sobranceiras  
O rio pó na estrada não passárao,  
He, porque, dando a chuva nas orelhas,  
Das bestas, he hum xo, com que ellas parao:  
E se a espora lhe toca nas gadelhas,  
Recuaõ, e de couce se preparaõ  
Tanto, que eu huma vez fuy despedido,  
Ficar sobre hum calháo bem estendido.

XV.

Quantas vezes a gente pela estrada,  
Por divertir seus males vay cantando,  
E descambando de agoa huma pancada,  
De pancada se calla todo o bando;  
E, se vem com a chuva trovoadã,  
Huns puxaõ do Rosario, e vaõ rezando,  
Outros gritaõ com medo, outros se finaõ,  
E geralmente todos se amofinaõ.

XVI.

Tambem he nas jornadas huma peste  
Vir com huns companheiros atrevidos,  
Que costumaõ chamar ao povo agreste  
Sem graça, nem razãõ vís appellidos;  
Pois por culpa dos máos a gente investe,  
Os que estão de maldades exemidos;  
Eu o fey; pois sem culpa no espinhaço  
Estouro mamey já, como bagaço.

XVII.

E naquellas jornadas de novato,  
Que não soffre o estudante no caminho  
Dellè fazendo vaõ gato capato,  
E prégando-lhe sempre no fochinho:  
Eu confesso, que disse mal do trato;  
Porque além de pagar comer, e vinho,  
Pedindo depois contas do dinheiro,  
O murro, e cachaçaõ era hum chuveiro.

Isto he regularmente, o que acontece  
Na estrada, a quem procura estes estudos,  
Que contar, o que o misero padecer  
Na Cidade, saõ canas com canudos:  
Naõ soffre mais, segundo me parece,  
Hum captivo entre Mouros carrancudos,  
Do que hum pobre estudante desterrado  
Com lograntes, com ama, e com criado.

Muitas vezes synceramente figo  
Hum, de quem singular conceito faço,  
E quando cuido, que he meu grande amigo,  
Elle prega-me hum opio de cachaço:  
Ou me dá hum calote por castigo,  
Ou numa abafaço arma tal laço,  
Que quando a gente menos o imagina,  
Tudo lhe vay ardendo por tolina.

Lá se queixa, que tem huma jornada,  
E que preciso lhe he para fazê-la,  
Prestada por hum dia a nossa espada,  
E em sahindo de caza vay vendê-la:  
Livro, que elle pedio, tomou a estrada  
Desorte, que naõ torna a voltar della:  
Diga-o aquelle meu vocabulario,  
Que tambem mo rapou hum salafrario.

Pede o chapeo a hum, e a outro incita,  
Que lho compre, que o vende accomodado;  
Porém que do dinheiro necessita,  
E que o chapeo tres dias quer prestado:  
Vay marchando com tudo, e excogita  
Outro, e outro, a quem deixe assim cangado;  
De maneira que ás vezes dá taes artes,  
Que vende o seu chapeo em vinte partes.

Eisaqui as lesoens, com que hum tratante  
A' custa de hum syncero se sustenta,  
E deste modo ao pobre do estudante  
Se de huma parte chove, de outra venta:



A ama , que sempre tem hum ar de unhante ,  
Com o alheyò jantar 'o seu aumenta ;  
Porém he no furtar tão moderada  
Que só furta metade , e nem mais nada.

XXIII.

Porque huma o paõ das lopas me furtava ,  
Para caza mandey vir a panella ;  
Mas cuidando esta hum dia , que mandava  
A sua , me mandou trazer a della :  
E indo o moço a partir , no fundo achava  
( A' maneira de peixe por sedella )  
Num fio de barbante pendurados ,  
De vaca , e de toucinho onze bocados.

XXIV.

Que he isto ? Senhor amo , ( grita o moço ,  
Pegado numa ponta da cambada )  
He , que comemos carne hoje sem osso ,  
( Lhe disse eu ) e nossa ama roe a ossada :  
Daqui julguey , que a carne era do nosso  
Jantar , e de outros muitos rapinada ,  
E firmey toda a ama estudantina  
Com o titulo de ave de rapina.

XXV.

O bem que direy dellas , he , que mente  
Aquelle , que de limpas as condena ;  
Pois no comer se vêem , he tão fômente ,  
Hum carvaõ , hum cabelo , ou huma penna :  
Oh ! lembra-me huma vez , que meti dente  
Numa pedra , mais era bem pequena ;  
Porém teve tal traça o bom do seixo  
Que me levou dous dentes deste queixo.

XXVI.

Estes os ganhos faõ , que me trouxeraõ ,  
As amas ; e além destes imagino ,  
Que , depois que furtáraõ , e comêraõ ,  
Me puzeraõ o nome de mofino :  
Pois moço ! do dinheiro , que lhe deraõ ,  
Furta sem ley , sem conta , e sem ensino :  
Diga-o eu , que ainda o meu não ha hum dia ,  
Me rapou hum tostaõ de demazia ,



## XXVII.

Se hum homem tomê a noite huma sardinha,  
 A celada de rabo, a couve, o grelo,  
 Dá comsigo na casa da vizinha,  
 Sem outro intento mais, do que dizê-lo:  
 Em sendo necessário já caminha  
 De modo, que não he possível vê-lo,  
 E se o amo for homem, que dê brado,  
 Toma elle o appellido de Callado.

## XXVIII.

Se acertou de encontrar baú aberto,  
 Ou se acolheo com chave, que lhe diga,  
 O que achou de comer, tenhaõ por certo,  
 Que se fechou com elle na barriga:  
 E se para algum acto, que está perto,  
 Se guardou lá dinheiro, e elle o loriga,  
 Chama-lhe feu, e logo se despede.  
 Em latim, porêem contas não as pede.

## XXIX.

Vejaõ, em que trabalhos, em que lidas  
 Fica o amo faltando-lhe o dinheiro:  
 Huns dizem, que o levou João das bebidas,  
 Outros, que se gastou no pasteleiro:  
 E apenas lá na terra saõ sabidas  
 Estas novas, o pay, sem que primeiro  
 Examine a verdade, de codilho,  
 Prega baixa no soldo ao pobre filho.

## XXX.

Até as dezastradas lav andeiras  
 Obraõ em nosso damno maravilhas;  
 Porque dando-lhe nós peças inteiras,  
 Restituem farrapos, e rodilhas:  
 Tres lenços, tres camizas das cazeiras,  
 Tres lançoës me fizeram em estilhas:  
 Resta agora vender estes bandalhos,  
 A quem tem nas figueiras espantalhos.

## XXXI.

Tres pares de manguitos me leváraõ,  
 Que vieraõ depois feitos em nacos;  
 Dous de meyas, as quaes de lá voltáraõ,  
 Não meyas, porêem chêas de buracos:

Em fim , por não cançar , até rasgá-rao  
Huns bocaes de huns alforges com dous sacos ;  
Já não ha , que esta gente me derrote  
Senaõ chambre , baetas , e capote.

XXXII.

E que direy das ruas? tão mal postas  
Que quem debaixo acima se encaminha,  
Tras as coxas das pernas descompostas,  
E vem capaz de hum caldo de gallinha;  
Pois huma que lhe chamaõ Quebra-costas?  
Juro , que sempre foy sentação minha  
Porque já hum vez este meu lombo  
Deo nas suas escadas hum bom tombo.

XXXIII.

E os aromas , que tem cada travessa,  
Almiskares , algalias , e outros cheiros?  
Que buscando quartel , a toda a pressa  
Se encaixão nos narizes passageiros;  
A lama em toda a parte he tão espeça,  
Em vindo quatro dias de chuveiros,  
Que enchendo se os capatos desta praga,  
Me lembra allugar besta , que mos traga.

XXXIV.

A'lém destas pensoens , e de hum milheiro,  
Que calo por ter paz com a Cidade,  
Aqui consome a gente o seu dinheiro,  
E o tempo mais feliz da mocidade:  
Oh desejo fallaz , e lizongeiro  
Do louvor , da sciencia , e dignidade ,  
Que com fallacias , illusões , e enganos,  
Nos trazes em galés por tantos annos!

XXXV.

Assigne agora algum divertimentos  
Na terra , para quem tanto padece ;  
Assignará geadas , chuvas , ventos  
Tantos , que o Reyno de Eolo aqui parece ;  
Assignará da ponte os vaons assentos,  
Onde o marão ocioso não falece ,  
E na sua Briolanja os olhos prega  
Mais vivos , que os de hum gato em hum adegã.

XXXVI.



Oh vil divertimento, ó vil recreyo;  
 Indigno de humas contas ajustadas!  
 Que tras á fantazia hum vivo enleyo  
 De serpentes lethaes envenenadas:  
 Profiro esta verdade com receyo;  
 Porque expondo-a na ponte, hums camaradas  
 Intentaraõ calcar-me, e indo eu fugindo,  
 Me valeo hum, que alli anda pedindo.

Ir fóra a Santo Antonio, he cousa clara,  
 Ser hum divertimento muito justo:  
 Santo Bendito! se este nos faltára  
 Quem havia viver com tanto custo?  
 Se, quem vay visitar vos, contemplára,  
 Quanto vê, que soffreo hum Deos Augusto:  
 Póde ser, que tivesse este tormento  
 De Coimbra por feliz divertimento.

Desta maneira Amaro se queixava  
 Pelo muito, que em Coimbra padecia,  
 Atéque a roxa aurora já buscava  
 A chave, para abrir a porta ao dia:  
 Entaõ Morpheo escuro lhe fechava  
 Dos flatos animaes a estreita via,  
 E, prezos os sentidos desta sorte,  
 Se entregou o queixozo ao irmão da morte.



**L I S B O A:**

Na Officina de **DOMINGOS GONSALVES.**

MDCCCLIV.

*Com todas as licenças necessarias.*





